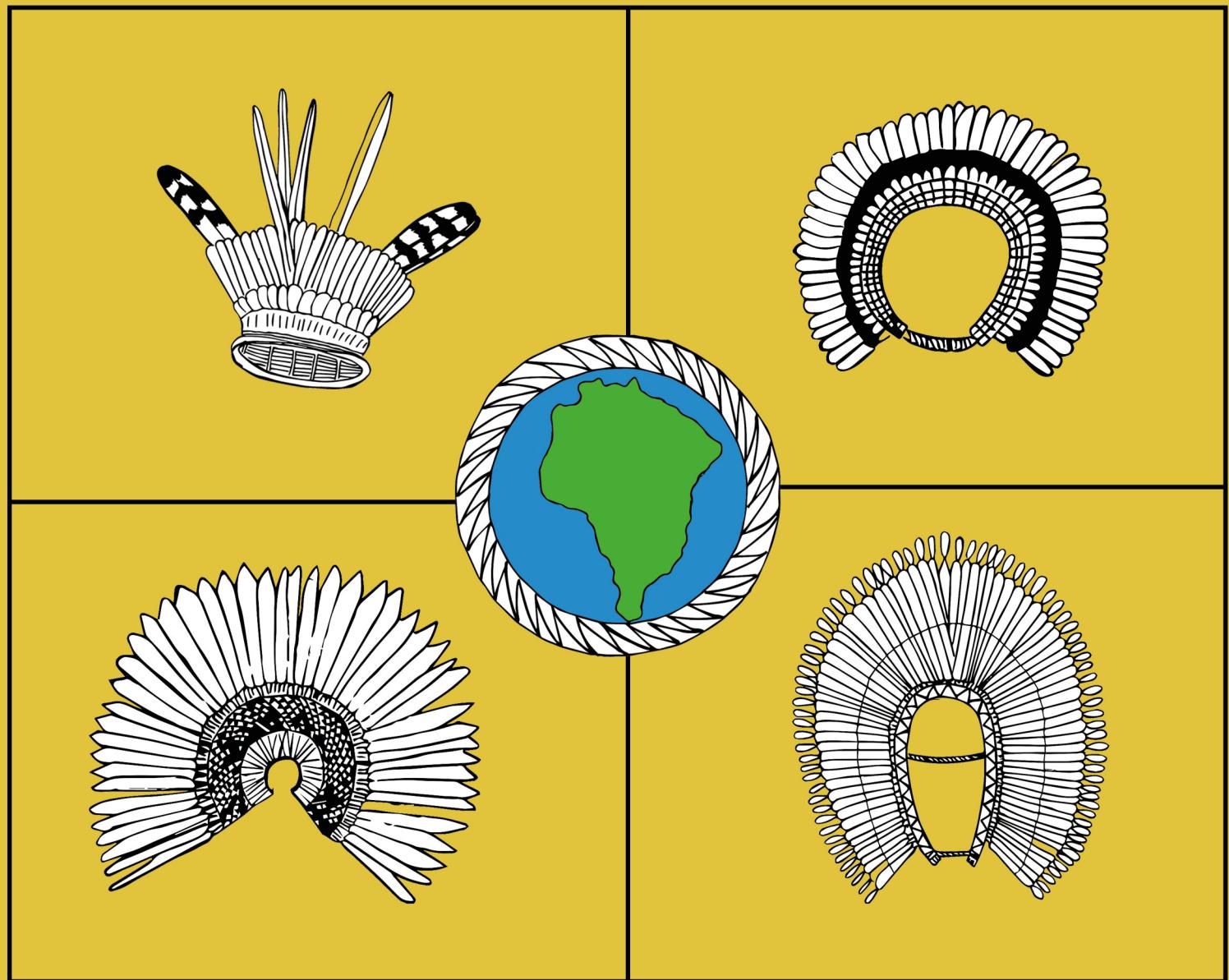


|LEETRA • Indígena|

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos



| LEETRA • Indígena |

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA

Universidade Federal de São Carlos

L i

NÚMERO
ESPECIAL

13

LEETRA Indígena

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA

Universidade Federal de São Carlos - SP - Brasil

Volume 13 - Edição Especial

Editora

Maria Sílvia Cintra Martins

Design e Diagramação

Eld Johonny

Revisão

Eld Johonny

Larissa de Paula Ferreira

Maria Sílvia Cintra Martins

Capa

Eld Johonny

Desenho capa e ilustração

Luciano Ariabo Kezo

Endereço para correspondências

Universidade Federal de São Carlos | Laboratório de Linguagens LEETRA

Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07

CEP: 15.566-905 - São Carlos - SP | Telefone: (16) 3306-6510

Pedido de assinaturas em grupo.leetra@gmail.com

Material disponível em formato digital em: www.leetra.ufscar.br

LEETRA INDÍGENA. n.13, v. 1, 2015 - São Carlos: SP: Universidade

Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

Periodicidade semestral - Edição Especial

ISSN: 2316-445X

1. Cultura indígena 2. Línguas indígenas brasileiras

3. Educação

Editorial

A revista LEETRA Indígena, publicação do Laboratório de Linguagens LEETRA sediado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, comporta resultados de pesquisa em andamento no Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), que abriga as linhas de pesquisa “Estudos em Literatura Ameríndia”, “Tradução e Transcrição”, “Línguas Indígenas” e “Letramento e Comunicação Intercultural”. A revista busca preencher o espaço hoje necessário do reconhecimento progressivo da importância e da validade das línguas, das culturas e das literaturas indígenas presentes milenarmente em território nacional, sem que ainda lhes tenha sido conferido o valor correspondente. Todas as publicações vêm obtendo uma tiragem limitada em papel e encontram-se disponíveis online (wwwleetra.ufscar.br). As Revistas LEETRA Indígena 1, 2 e 4 focalizaram a Literatura de diferentes povos indígenas brasileiros; a Revista LEETRA 3, em número especial, envolveu a publicação do caderno de estudos bilíngue YASÚ YAPURUGITÁ YEGATÚ, com 23 lições e um glossário para o estudo da língua nhengatu. Já as edições especiais dos números 5 a 12 envolvem material de apoio voltado aos professores, particularmente do Ensino Fundamental, e também do Ensino Médio, para seu trabalho voltado à implementação da lei 11.645/08, que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino em território nacional.

Agradecemos a todos que vêm contribuindo com estas edições, seja pela submissão de trabalhos, na participação na Comissão Editorial, no Projeto Gráfico e Diagramação, seja, ainda, na concessão de fotos e grafismos.

Não sou “índio”, nem pertenço a nenhuma “tribo”

Luciano Ariabo Kezo

Introdução

O conteúdo que se segue, aborda duas importantíssimas questões que merecem foco, pois servirão de alicerce para que se reconheça de fato o perfil real do Brasil. “Índio” e “tribo” são expressões simples, a priori elas podem não parecerem ofensivas, porém se investigadas o significado etimológico de cada palavra, e dependendo da perspectiva, percebe-se que nenhuma das duas expressões se encaixam para aqueles as quais são direcionadas. As duas, na verdade, tendem a ser pejorativas. É nesse ponto, que o presente conteúdo tentará esmiuçar ou contestar o embarçado, justamente para que se esclareçam as más impressões. Eu não sou índio e nem pertenço a nenhuma tribo, são estas indagações que emergem a partir do ponto de vista de um indígena. Os questionamentos têm como propósito sugerir reflexões sobre essas nomenclaturas, com base em suas significações.

Quando se expressa o termo “índio”, qual imagem vem a tua mente?

O teu conceito sobre isso pode destoar totalmente do conceito da pessoa que costumeiramente é chamada de “índio”. Dando nota ao fato de existirem vários povos indígenas residindo no Brasil, fato que contrapõe aquela ideia de que os indígenas brasileiros são homogêneos, em aspecto cultural, linguístico, religioso e principalmente identitário, nota-se então que, essa noção de homogeneidade no que se refere aos indígenas não se consolida.

A realidade é que o termo “índio” somente reduz e esconde uma diversidade gigantesca. Agora, como vislumbrar essa diversidade? Podemos identificar um indígena como pertencente a um determinado povo, através do seu diadema, mas não só. O distintivo de alguns povos indígenas pode ser também explicitado por meio de pinturas corporais, brincos, colares, corte de cabelo e etc. Como assim? Serão indicados abaixo links que direcionarão à imagens de indígenas, de várias origens étnicas, com o intuito de fazer-se compreender através desse meio a distinção entre um e outro.

<http://migre.me/osnD7>

O link supracitado apresenta a imagem de um integrante do povo Bororo-Boe, do Estado de Mato Grosso. Caso eles estejam adornados de acordo com a sua tradição podem ser identificados por outras pessoas que não pertencem a sua cultura pelo pariko, o cocar. O pariko é um diadema peculiar do povo Bororo-Boe, não sendo encontrado outro similar em outro povo.

<http://migre.me/osnDL>

O segundo link é de um guerreiro Umutina-Balatiponé, vários itens que são apresentados com o mesmo revelam sua origem étnica, por exemplo: o ajupo (faixa para o cabelo), o hatorikaré okopo (colar de dente de queixada), a pintura corporal. É um conjunto de sinais indicando a sua pertença.

<http://migre.me/osnEk>

O link acima apresenta os Kayapó, que permite através de seus aparatos ornamentais notar um indígena como pertencente a esse povo. Além do cocar, há pinturas, colar e braçadeira. Nos Kaiapó há também um adorno masculino bastante significativo para os mesmos, feito de madeira, arredondada e achatada, que é colocada em uma abertura no lábio inferior. É através do utensílio labial que se permite ter o conhecimento de um indivíduo como pertencente ao povo Kaiapó, já que não é possível encontrar o mesmo costume ou confecção em outro povo. Normalmente esse tipo de adereço é utilizado pelos mais velhos.

<http://migre.me/osnF0>

O link anterior divulga a imagem de membros do povo Pareci-Hality, nos indígenas contêm alguns itens, como: braceletes, cocar, colares, pulseiras que compõem seu traje multicolor, rico em plumas. Entre os itens, o componente mais significativo é o haulo (cocar).

<http://migre.me/osnFG>

Já no link anterior é possível visualizar um Xavante. Na composição de seu perfil encontram-se formidáveis ornamentos. Os mais comuns são: dañorebzú' (gravata) e daporewá'u (brinco). O brinco de madeira para os homens Xavante é imprescindível, pois marca a entrada para a vida adulta através de um ritual que atravessa meses de constantes atividades.

<http://migre.me/osnGu>

Os Rikbaktsa são marcados principalmente pela sua arte plumária: cocares, braceletes, brincos e gorro de plumas. Outro ornamento comum entre os mais velhos é o brinco de madeira arredondado, com mais ou menos 10 centímetros de diâmetro.

<http://migre.me/osnH2>

<http://migre.me/osnHK>

Depois de ter visualizado as imagens através dos links, reforçando a ideia de diversidade, a seguir contém outro link. É um vídeo que apresentará poeticamente os nomes de todos os povos indígenas que formam o caráter multicultural do Brasil:

<http://migre.me/osnIc>

Você imaginava que o nosso país é composto por toda essa riqueza cultural que foi apresentada no vídeo?

No Brasil existem duas grandes matrizes linguística, a Tupi e a Jê. Assim como o Português, o Francês, Italiano e Espanhol surgem do Latim, e o latim do Indo Europeu. Com essas mesmas características, muitas línguas indígenas se ramificam a partir do Tupi e do Jê, além das duas matrizes há outras famílias linguísticas que não fazem parte da ramificação de nenhuma das matrizes, como por exemplo: Aruák, Karib, Pano e etc.

Só para constar, todas as expressões são nomes de povos indígenas, cada um contendo seu próprio idioma. É relevante salientar que, se um indígena Guarani tenta se comunicar em Guarani com um indígena do povo Xavante, a comunicação não se efetivará em virtude dos dois pertencerem a povos distintos e, por essa razão, os idiomas também serão distintos. Neste caso, o Guarani pertence a matriz Tupi e o Xavante pertence a matriz Jê.

De acordo com o vídeo, pode-se afirmar que extrapola todas as expectativas, já que o Brasil nunca se viu nesse perfil.

Os povos indígenas estão distribuídos em todos os estados brasileiros. É diverso o cotidiano que cada povo vive. Assim como existem povos que estão muito ligados às suas práticas tradicionais, como a língua, dança, pintura, caça, pesca, agricultura e etc, há também povos ou integrantes de povos que vivem em contextos urbanos, desde o interior às grandes metrópoles. A desconstrução do estereótipo sobre os indígenas, consiste em não pensar que por mais que existam povos que dispõem de uma cultura viva, de acordo com os seus antepassados. Nada disso impede que os que estão nessa condição vivam ou tenham contato com as culturas externas. E ao contatar, isso não o descaracteriza, ou seja, se um indígena pronuncia bem o português, inglês, possui tênis Nike ou iPhone de última geração, ele não se desvincilará de sua identidade ou de seu direito de se identificar como um indígena.

Há povos que não mais dispõem de seus idiomas e outros saberes de sua cultura, porém não são esses requisitos que suprimirão ou imprimirão a identidade de um povo.

Com base nas imagens anteriores e suas descrições, foram apresentadas algumas das maneiras concretas de como é possível identificar um indígena como pertencente a um determinado povo. Mas se caso não estiver a caráter, como perceber um indígena como oriundo de um povo indígena? Através das características físicas, como cabelos, olhos, tom da pele, altura e etc?

Se for optar por esses critérios poderá correr o risco de cair no estereótipo, pois a característica física entre os indígenas não é tão semelhante, se de maneira holística pensarmos desse modo, também estaremos inserindo os mesmos em um modelo caricaturado. Depois de tratar das características concretas que conduziram a uma identificação, serão agora tratadas as características subjetivas.

Uma das chaves para acessar a identidade dentro da característica abstrata, é a língua. Todavia há povos que perderam a condição de dar continuidade a prática de seus idiomas. Além da língua, ainda há saberes específicos que são praticados constantemente, como por exemplo: a organização social, estrutura política, leitura de

mundo, agricultura, educação, epistemologia, memória e etc. Esses e outros fatores remeterão à raiz de seus antepassados. O nome do povo é um meio de expressar toda essa bagagem mencionada anteriormente, tanto os elementos concretos quanto os abstratos.

“Índio” é aquele indivíduo que reside na floresta, vivendo pelado ou usando tanga, caçando com arco e flecha e fazendo a dança da chuva. Esta noção está mais concatenada a um modelo estereotipado. A situação é ao contrário, não é desta mesma maneira que o “índio” se identificaria, por exemplo, um indivíduo pertencente ao povo indígena Balatiponé, mesmo se apresentando como um “índio” à alguém, tal expressão carregará o conceito construído pelo seu respectivo povo, ou seja, cada povo tem o seu próprio conceito de “índio”, uma noção que pode não ter recebido influência daquela trazida pelos livros didáticos, ou pela história convencional, todavia pela sua própria história, calcada na sua cosmogonia. Cada povo tem a sua própria dança, seu canto, vestimenta, grafismo, etc. sendo assim, pode ser um tanto distinto da visão que os alienados dessa informação costumam ter. Vamos entender melhor juntos?

A seguir você vai compreender a etimologia de cada palavra. Você sabe qual é a diferença entre os termos: índio, indígena e silvícola?

Se consultarmos o dicionário com a intenção de encontrar o significado da palavra índio, não existirá uma definição precisa com relação a mesma.

A expressão índio, uma de suas significações se essa estiver relacionada à chegada dos europeus no Brasil, emerge da ideia de que esses navegadores seguiam para as Índias, mas por um erro de direção ancoraram suas naus em terra americana. Percebendo que o território já era habitado, o europeu nomeou todos os habitantes de “índios” mesmo sabendo que não tinha chegado de fato em seu destino.

Outra definição de índio está associada à numismática, ou seja, ciência que trata das moedas. Na época de D. Manoel I, a moeda de prata chamava-se índio.

A terceira definição de índio está relacionada à terminologia científica, que surge do latim, é precisamente, um elemento químico metálico (símbolo: In), de número atômico 49 = ÍNDIO.

O segundo termo, o indígena, vai remeter ao passado remoto, à ancestralidade. Uns indivíduos pertencentes a um povo que enraizou sua residência em um determinado lugar e seus descendentes não conseguem mensurar o tempo exato que isso aconteceu. Muitos povos creem também que seu surgimento aconteceu aqui, no território brasileiro. Uma explicação mais sucinta para o termo indígena seria dizer, originário da Terra, sendo antônimo de indígena o termo alienígena, também o termo indígena equivale a expressão aborígine, nativo e autóctone.

Silvícola, esta palavra corresponde à selva, ou pessoas que vivem na selva, conceito que remeterá a selvagem. Esta é uma das ideias de redução às sociedades autóctones, cujo valor remete a seres irracionais. Em consonância com essa ideia de serem selvagens, também costuma-se dizer ou pensar até nos dias atuais que os indígenas não pertencem à civilização, ou que não são civilizados. Podem até não

pertencerem à civilização ocidental, europeia, asiática e etc, porém, não deixam de ser sociedades civilizadas. No caso do nosso país, num olhar panorâmico, percebemos que são várias as sociedades civilizadas, e isto há muito tempo antes da chegada da civilização europeia.

Destes termos qual você acredita ser mais apropriado utilizar? Índio, indígena, ou silvícola?

No final das contas, todos esses termos foram inseridos e impostos por perspectivas externas. Todo o indígena independente de sua origem étnica terá sempre sua autodenominação, essa que estará voltada para sua identidade. Um indivíduo pertencente a uma sociedade, por exemplo, aqueles que nascem no Brasil são chamados de brasileiros, aqueles que nascem em Portugal se denominam portugueses, ou seja, suas identidades estarão relacionadas às suas respectivas sociedades. Uma pessoa que nasce no Brasil não dirá que é português se não tiver um laço consanguíneo com alguém que pertence a Portugal, então será obrigada a se identificar como brasileira. No caso do Brasil, não é distinto dentro das sociedades indígenas, se eu como indígena sabendo que pertenço a uma determinada sociedade indígena, vou me identificar como pertencente a minha respectiva sociedade. Não seria satisfatório eu me identificar apenas como indígena, ficando o questionamento:

É indígena? Mas de qual povo?

Então eu também serei obrigado a me identificar como pertencente a um determinado povo, no meu caso o povo Balatiponé. A mesma coisa ocorrerá com um indivíduo integrante de outro povo indígena, como por exemplo, o povo indígena Enawenê Nawê, um oriundo deste povo nunca dirá que é Balatiponé se não tiver um vínculo consanguíneo, portanto, pelo viés identitário ele se identificará como Enawenê Nawê.

Eu não pertenço a nenhuma tribo

Tribo?

O que a sua ideia consegue formular diante dessa expressão?

Comumente no Brasil nomeia-se tribo os grupos indígenas que vivem nas aldeias, em meio à floresta, justamente pela impressão de que tribo só deva existir em contato direto com a natureza, vivendo em oca ou em cabana.

Por que deve-se chamar tribo e não outra nomenclatura? Tribo dá impressão de relação de dependência de um grupo a outro, no sentido cultural, sociopolítico, linguístico e etc. Se olharmos para determinada comunidade indígena, por exemplo o Umutina-Balatiponé. Este povo está localizado no estado de Mato Grosso, no seu respectivo espaço, também com o seu próprio idioma, obedecendo seu próprio regimento além do regimento do Estado brasileiro, contendo sua própria liderança política e com produção de conhecimento independente.

Para se denominar como sociedade, a partir de quais critérios se chega a essa conclusão? Critério linguístico, cultural, político, identitário, epistemológico, etc?

É possível nominar todos aqueles que vivem na Alemanha de tribo alemã, ou tribo norte americana àqueles que são dos Estados Unidos? Utiliza-se esses aspectos como ilustração, certamente, para explanar que o termo tribo não é adequado aos povos indígenas que são denominados dessa maneira, pois as variadas populações indígenas do Brasil são munidas de mecanismos extremamente complexos, com capacidade de equiparar-se em muitos aspectos em relação àquelas populações que são enxergadas como sociedade, tornando-se assim o termo tribo incapaz de traduzir toda essa bagagem.

Propostas de atividades

Com base neste conteúdo serão lançados alguns pontos que podem servir como orientação para aplicação de atividades:

Se for trabalhar o grafismo, é importante tentar conhecer o nome do povo que o pratica, o nome do grafismo, qual é o seu significado, se é utilizado por homens ou por mulheres, até quantos anos ou a partir de quantos anos pode ser usado, e em qual momento que se utiliza. Procure conhecer também do que e como é produzida a tinta e quanto tempo permanece na pele, se existe a transposição de grafismo em outros objetos, como cerâmica, cestaria, bancos de madeira, etc.

Ao ater-se aos cocares, busque saber o nome do povo, os materiais que são utilizados para a sua confecção, se o cocar é utilizado por homem ou mulher, e também procure saber se existe outros modelos, caso exista descubra quando e porque são utilizados.

